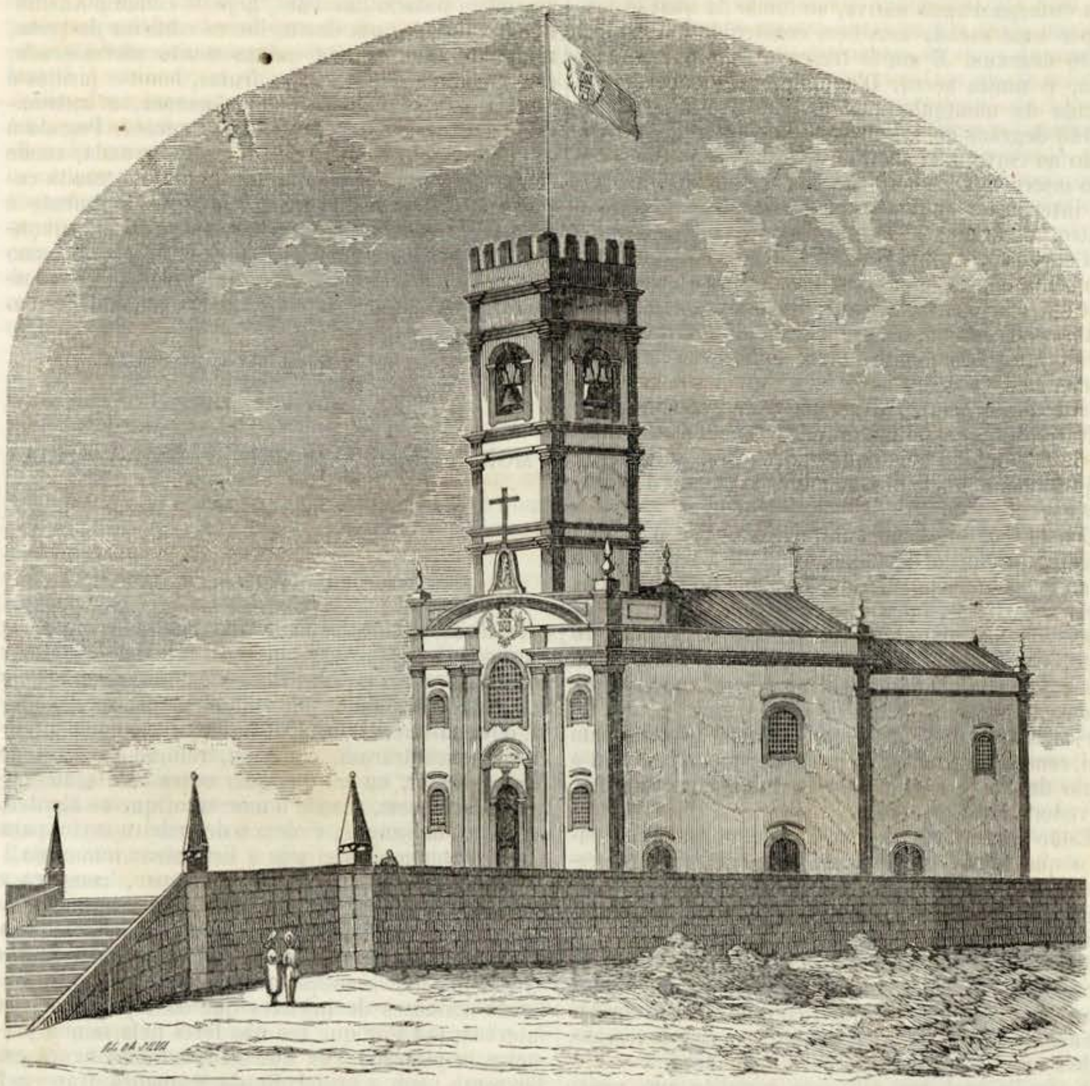


Egreja nova da casa dos Paes de Mangualde, segundo o desenho de M. X. Mercier — Gravura de Coelho

Em distancia de 1½ kilometro, pouco mais ou menos, ao N. E. da villa de Mangualde de Azurára da Beira, districto de Viseu, e sobre o cume de um elevado e escarpado monte, crivado de rochedos, e fazendo face á mesma villa, se acha, como coroando-o, edificado o elegante e magnifico templo novo, dedicado a Nossa Senhora do Castello, erigido pelo zelo e devoção da illustre casa dos Paes de Mangualde; á qual pertence actualmente a perpetua administração d'elle, e d'onde saíu todo o supprimento de despezas e serviços para aquella obra, porque a respectiva confraria carecia dos meios para tão dispendiosa construcção.

Em Janeiro de 1819 se deu principio a este grande edificio. Suspendendo-se os trabalhos nos dois seguintes annos, foi depois continuado com o mais decidido empenho, e inteiramente á custa da referida illustre casa, até que em 1837 se ultimou o templo com dispendio de mais de 60:000 cruzados.

É todo de cantaria, e a sua architectura, simples mas elegante, tem merecido os louvores dos entendedores, e é tido como um dos notaveis do reino, e o superior da provincia. A abobada de todo este templo é guarnecida de bellos ornatos de estuque. Além do altar-mór, aonde está a imagem da Virgem, tem mais dois aos lados do arco, um dedicado a Santa Anna, outro a S. José, e n'elles se vêem dois optimos paineis a oleo, obra do sr. Antonio José Pereira, insigne artista de Vizeu. Tem o interior do templo, não comprehendendo sacristia e outros accessorios, 24,2 metros de comprimento, sendo 9,8 metros da capella mór, e 14,4 metros da igreja, e de largura 5,8 metros na capella mór e 7,9 metros na igreja: a altura da torre, desde o pavimento, é de 38 metros. Do alto d'esta torre, aonde se sóbe por uma bella escada em espiral, e aonde em dias festivos tremúla uma bandeira propria, se descobrem serras, montes, planicies e povoações a uma distancia immensa: é um rico, encantador e admiravel panorama, que se não póde descrever.

Em redor do templo ha um adro espaçoso, guarnecido de parapeito com assentos de espaço a espaço; d'alli desce-se por uma bonita escada de dois lanços em frente do templo, para um plano assás grande e arborisado, ficando a um lado da escada uma porção de terreno com rochedos, e por entre

elles plantadas videiras e oliveiras, e do outro lado uma hospedaria para accommodação dos romeiros. A alguns passos ao nascente d'este plano, existe uma cisterna d'agua nativa, ao fundo da qual se desce por uma escada mui bem construida em espiral de 36 degraus. E muito fresca e saborosa aquella agua, e nunca sécca. D'aquelle plano é cortada a descida da montanha por uma espaçosa escadaria de 163 degráos de 1,1 metros de largo, em declive, tendo no córte 0,22 metros de alto, de espaço a espaço interrompidos por pequenos terreirinhos, e n'estes, interpoladamente, uma capellinha, sendo ao todo quatro, dedicadas a Nossa Senhora, sob os titulos de Conceição, Encarnação, Visitação, e Assumpção, com bellissimas imagens romanas. Toda a escadaria de um e outro lado é guarnecida de arvores, que suavisam o cansaço da subida, e fazem encantadora vista, ficando ao fundo do monte planos e ferteis campos, e prados sempre cobertos de verdura. A solemnidade festiva d'este templo é no dia 8 de setembro, dia da Natividade, sendo tão grande o concurso e affluencia de devotos de longinquas povoações, que excede o ajuntamento ao do grande mercado mensal d'aquella villa.

Consta por tradição antiquissima, que o antigo templo, que foi já demolido, e que era edificado no plano arborisado já referido, fôra, na occupação das nações barbaras, mesquita de moiros, convertida depois da sua expulsão em templo do verdadeiro culto, por motivo da apparição de uma imagem de Nossa Senhora n'aquelles sitios: é certo, porém, que ainda existem, por detraz do novo templo, ruinas de um castello, cujos materiaes e fórma testimunham mui remota antiguidade; e crê-se que d'ahi veiu o titulo de Nossa Senhora do Castello, com que hoje se venera alli a Virgem.

Estão presentemente concluidas aquellas obras, para o que muito concorreram as avultadissimas esmolas, legadas para esse fim, pelo commendador de Malta, Miguel Paes, e seu irmão, conego da Sé de Coimbra, José Paes, ambos fallecidos em 1837. A condessa d'Anadia, D. Maria Joanna, offereceu na occasião da trasladação da milagrosa imagem do templo antigo para o novo, um rico e inteiro paramento branco, bordado a oiro e seda, para serviço do templo, e dois mantos riquissimos para a Senhora.

É tradicional ter alli sido castellão um moiro chamado Zurar, d'onde viera ao concelho o nome de Azurar ou Azurara, repetido no foral del-rei D. Diniz, e reforma do mesmo por el-rei D. Manuel, em 1514, e que, para expulsão d'aquelle moiro, muito concorreram os habitantes de Linhares, por conselho de outro moiro convertido á verdadeira fé, que depois foi alcaide d'aquella villa. Julga-se ser esse o motivo por que a camara e habitantes da cidade de Viseu, indo todos os annos áquella ermida na segunda oitava da pascoa da Resurreição, por occasião do cumprimento de um voto, curvavam e agitavam seu estandarte no alto do monte, para a parte da dita villa de Linhares, como em grata recordação dos valiosos serviços de seus moradores. Ha menos de 40 annos que se tem deixado de fazer esta solemnidade, sendo a camara e povo de Viseu desobrigados d'aquelle voto.

A villa de Mangualde tem perto de 500 fogos, e está dividida em dois bairros, a parte mais antiga ao poente, e a outra ao nascente. Está edificada em um plano; é bem situada, saudavel, agradavel e vistosa; tem bons terreiros ou largos, em que se faz o melhor mercado mensal da provincia. Tem boas casas, bons chafarizes, e bonito templo da Misericordia, onde se vêem preciosos quadros de pintura romana. Tem uma bella casa de camara municipal, sendo tão vasto edificio que accommoda, além da sala das sessões da camara, o tribunal de justiça, administração do concelho, aulas de ambos os sexos, etc. O mais notavel n'esta villa é o sumptuoso e magnifico palacio dos Paes, hoje do conde d'Anadia. É, sem duvida, um dos melhores edificios do reino, reunindo uma grande quinta muito aformoseada, com pomares de deliciosas frutas, bonitos jardins e quatro estufas onde vegetam o ananaz, a bananeira, e outras arvores e plantas tropicaes. Pegado á quinta, segue-se uma extensa matta arruada, aonde se encontram diversos objectos de recreio, muita caça, e se admiram arvores seculares. Finalmente é uma vivenda deliciosa, aonde se encontra tudo quanto seja necessario á vida, tanto para recreio como para utilidade, e o gozo de tantas delicias faz despertar idéas de um paraiso. Tal é a amenidade d'aquelles logares.

MIGUEL XAVIER MERCIER D'ALMEIDA.

MORTANDADE DOS CHRISTÃOS NA SYRIA

(Vid. pag. 316)

II

DAMASCO 20 DE JULHO DE 1860

Infelizmente, estão mais que realisados os meus receios! O Libano está incendiado! Deïr-el-Kamar e Zahlé, hontem cidades ricas e poderosas, estão hoje reduzidas a montanhas de ruinas; rouba-se, degolla-se, devasta-se em Damasco! Os christãos, que por felicidade encontraram, como eu, refugio em casa de Abd-el-Kader, ou em qualquer outra habitação hospitaleira, temem, a todo o momento, que os algozes, sequiosos de sangue, violem o derradeiro asylo, para accrescentar mais victimas á lista assaz numerosa.

Agora que me posso julgar seguro, comparo a minha situação á d'estes ultimos, e por isso me não demoro em vos declarar que ainda vivo. Chegará a minha carta a tempo que a França, protectora das causas justas e grandes, possa vir auxiliar-nos, salvando milhares de infelizes que só esperam a sua intervenção? Por que me não levei pela minha primeira inspiração? Por que não estou eu agora em Beyrouth, sob a protecção da esquadra franceza? Deus ordenou o contrario: seja feita a sua vontade!

Passados alguns dias, as novas do Libano não nos deixaram duvida nenhuma ácerca do destino dos christãos da Syria. Haviam os drusos principiado a mortandade e o saque das aldeias da montanha. Os maronitas, crentes na protecção das auctoridades turcas, tantas vezes promettida, apenas fizeram fraca resistencia, refugiando-se nas cidades: mas estas foram successivamente tomadas e incendiadas. Em Deïr-el-Kamar, o proprio governador, para evitar a effusão de sangue, pedíra aos christãos depozessem as armas, entregando-os inermes aos seus inimigos! Em Zahlé foi a traição que abriu as portas aos drusos; apresentaram-se elles com capa de peregrinos, cruz alçada, e entoando as orações dos christãos, e assim foram recebidos como irmãos fugitivos! Não tardou que os homens fossem degollados e as mulheres padecessem horriveis tratos, sendo vendidas como escravas. Os que poderam fugir, chegaram a Damasco sem dinheiro nem recursos; acamparam nas ruas ou nos bazares, mendigando o sustento, e offerecendo aos olhos de todos o lastimoso espectaculo da mais profunda miseria.

Sabedor de taes acontecimentos, resolvi apressar a minha partida para Beyrouth. Parti de manhã, com tres negociantes, meus amigos, tão aterrados como eu. Já era tarde! Estavamos apenas a uma legoa de

Damasco, quando nos saiu ao encontro um magote de drusos, cujas vestes ensanguentadas nos revelaram as suas intenções. Retrocedemos logo a toda a brida, fugindo ao perigo, mas o perigo de todos os lados nos cercou. Assim que chegámos ás primeiras casas de Damasco, rompia o fogo e principiava a matança!

Dirigi-me logo para casa, cujas paredes fortissimas, se não servissem para me defender, prestariam ao menos para vender caro a minha vida. Os meus companheiros seguiram-me, sem recebermos sequer uma beliscadura. Por toda a parte viamos os christãos fugirem aos seus ferozes inimigos. Lançam-se as victimas das janellas a baixo, espetando-se nas lanças da soldadesca; os tiros cruzam-se, e o incendio allumia com os seus pavorosos reflexos estas scenas de devastação e morte.

Terei eu animo de vos narrar os episodios sanguinarios que presenciámos durante o caminho pelas ruas entulhadas de cadaveres? Aqui uma criança a quem um assassino esmigalha a cabeça contra a parede; alli a mãe procurando defender sua filha, sobre cujo cadaver a matam; mais adiante um desgraçado que busca escapar ás chammas, e a quem os soldados, deverei dizel-o?... repellem com a ponta das lanças!

Em summa, tivemos de passar por cima de rumas de cadaveres palpitantes; transpozemos a distancia que nos separava de minha casa, mas alli nova dor nos opprimiu: a casa estava reduzida a cinzas.

D'esta vez falleceu-nos o animo, e íamos entregar-nos aos golpes dos assassinos, de quem pouco antes haviamos escapado, quando uma hoste que marcha em ordem de combate fez alto á bocca da rua; julgámos reconhecer o uniforme dos nossos zuavos. Louvado seja Deus! eram elles, commandados pelo nosso antigo adversario, e hoje salvador, Abd-el-Kader. Atraz do emir e dos seus soldados se apertava grande turba de christãos, a quem elles protegiam do furor dos drusos e dos musulmanos, escoltando-os até ao palacio de Abd-el-Kader.

Juntámo-nos a elles, e com a alegria de nos vermos salvos se misturou a magoa das perdas que deploravamos. Ahi referia cada qual o trance por que tinha passado, avivando-nos ainda mais a dor. O agente dos Estados-Unidos foi perigosamente ferido; o consul de Hollanda morto e feito em pedaços; todos os consulados, excepto o de Inglaterra, que pertence a um musulmano, foram roubados, depois incendiados, as bandeiras rasgadas e arrastadas pelas ruas; todos os archivos destruidos.

Já nos suppunhamos em salvo, quando nos vem accommetter um inimigo com que não contavamos: fallo-vos da fome. Imaginae dez a doze mil pessoas amontoadas no pateo, nos jardins e nas salas do palacio do emir; a precipitação da fuga não lhes deu tempo de acarretarem as provisões necessarias para tanta gente; falta pão, fato e tudo; accrescentae a isto os continuos ais do grande numero de feridos, e tereis feito idéa d'este doloroso quadro.

Todavia, ainda não acabou a mortandade. Furiosos por verem que lhes fugia a principal presa, sitiam o palacio, e ameaçam assassinar o proprio Abd-el-Kader. Mas o emir não se atemorisa, e manterá até ao fim a defesa que nos promette. Envia correios sobre correios aos pachás, pedindo-lhes tropas para proteger os hospedes; os pachás não respondem. Embora; elle proprio nos protegerá com o auxilio dos seus argelinos, e cumprirá a sua tarefa. Nos cinco dias que durou a mortandade, esteve elle constantemente na brecha, sempre álerta, e distribuindo a todos os soccorros de que dispõe, e quando lhe faltava o pão, dava ao menos palavras de esperança. Por isso merece a nossa eterna gratidão e o reconhecimento de todo o mundo catholico. Podemos exclamar: Abaixo de Deus, foi elle quem nos salvou!

Hoje parece afastar-se o perigo, e a esperança começa a reanimar-nos. Sabemos que bom numero dos nossos amigos encontraram asylo nos musulmanos que não participavam da raiva de seus irmãos; mas, em desforra, os christãos que se refugiaram em Damasco depois da carnificina do Libano, quasi todos tem sido degollados! Tres mil mulheres foram alli roubadas ou vendidas como escravas, pelo preço irrisorio de 25 piastras (1185 réis) cada uma. Quanto aos nossos bens, ás nossas mercadorias e riquezas, tudo desappareceu, tudo nos foi roubado. Aos fanaticos drusos juntaram-se os beduinos salteadores do deserto, e cumpre dizel-o?... mas não; assegura-se que o sultão jurára punir os culpados, por mais elevada que seja a sua categoria; diz-se mais, que a França, indignada, nos envia o auxilio dos seus invenciveis soldados. Não accusemos intempestivamente; se a França nos auxiliar, estamos certos de alcançar protecção, justiça e vingança!

*

Agora que os leitores estão informados, por estas cartas, do estado presente das cidades de Damasco e Beyrouth, onde correram, ha pouco, rios de sangue christão, bem lhes fica saberem tambem o que, de ambas ellas, escreveu o nosso classico fr. Pantaleão de Aveiro, quando lá esteve em 1563, na sua viagem a Jerusalem, para que vejam como os tempos estão mudados.

Diz elle:

Segundo a opinião de muitos, a cidade de Damasco foi principiada por um homem chamado do mesmo nome, filho de Eliezer, procurador e mordomo do patriarcha Abrahão, como lemos no livro do Genesis. E com ser tão antiga, e muitas partes da Sagrada Escriptura tratarem da sua nobreza, e de como foi cidade real e cabeça de toda a Syria, até ao tempo do nosso Redemptor, e ainda depois, como diz o evangelista S. Lucas, no livro dos Actos Apostolicos, contando como o apostolo S. Paulo, a quem então chamavam Paulo, ia de Jerusalem a Damasco com cartas dos summos pontifices, para prender os christãos que n'ella achasse; sempre esteve em seu ser e nobreza, posto que em algumas historias lemos que foi combatida, mas nunca arruinada. Porém, ainda lhe está guardado seu trabalho, porque, de necessidade se ha de executar n'ella o que lhe tem prophetisado Isaias, dizendo: *Damasco deixará de ser cidade, e será como um monte de pedras que cáem sobre outras.* [1]

Tratando do seu estado presente (1563), digo que é a mais nobre e populosa cidade que tenho visto, posta em sertão. A gente, commummente, é bem criada e acondicionada, e amorosa para os estrangeiros. Aconteceu-nos que, andando-a vendo, uns moços moiros nos disseram villanias e maus ensinos, como cá tambem muitas vezes fazem quando passam religiosos; o que ouvindo um turco, correu a elles, e deu-lhes muita bofetada; e acudindo os paes aos choros dos filhos, e sabendo o que se passára, de novo os tornaram a castigar, e com estas coisas andavamos pela cidade tão seguros, como se foramos naturaes da terra.

Roguei eu a um judeu de Tavira que nos quizesse acompanhar, mostrando-nos o que havia para se poder ver, o que elle fez de muito boa vontade, os dias que na cidade estivemos.

São seus tratos de muito grandes e riquissimas mercadorias, que alli vem ter em cafila, assim da India oriental, pela via de Baçorá, como de outras partes. Affirmaram-me haver dentro da cidade cinco

[1] Verificar-se-ha agora a prophecia?

ou seis mil teares, de todo o modo e invenções de sedas, mui ricos brocados, toda a sorte de telas de oiro e prata. Entrámos em alguns teares, e vi uma espantosa curiosidade, porque toda a madeira era pintada, doirada, os liços, pentes e cordas de seda de côres, e os pesos feitos de vidro de diversas côres e inventos, e o vão de dentro cheio de areia.

Fazem-se tambem na cidade muitas maneiras de chamalotes, e as mais ricas alcatifas de todo Levante; e ha n'ella muitas lojas de hollanda e pannos de algodão. D'estas coisas nos mostraram algumas ruas e tendas tão ricas, que se podia julgar não haver mais que ver no mundo.

Tem uma cutelaria, aonde fazem a ferramenta e facas damasquinas, tão nomeadas em todo o Oriente; toda a sorte de traçados e alfanges, com milhares de invenções de cabos de prata, e outras curiosidades. Tem uma ourivesaria muito grande, á qual entram por uma só porta, nem tem outra entrada ou saida; aonde, de continuo, trabalham quinhentos homens, com seus moços e obreiros, onde vimos a maior riqueza que se podia ver. Achámos alli alguns judeus portuguezes, que haviam aprendido em Lisboa, os quaes nos andaram mostrando, com muita familiaridade, quantas peças, assim de oiro como de pedraria, que havia na ourivesaria.

Tem a cidade, entre muitas e mui curiosas mesquitas, a maior e mais principal edificada no mesmo logar aonde antigamente, no tempo dos reis de Israel, e em tempo de Rasin, Benadab, Azael, reis da Syria, esteve o templo do idolo Remon, a qual mesquita é de tanta grandeza e magestade no exterior, que causa admiração. O pateo e adro de fóra todo é coberto de oiro e esmaltes, e da mesma maneira as paredes até ao chão.

Entre muitos hospitaes que tem a cidade, um d'elles é de gatos. Tem outro, que o grão turco Solimão mandou fazer pela alma do seu filho mais velho, o qual elle mandou matar, por suspeitas que tinha que se lhe queria levantar. Este hospital, na sua grandeza, riqueza e curiosidade, não duvido ser um dos mais nobres edificios do mundo. Diante, no meio de um espaçoso campo, tem uma grande fonte, muito alta, toda cosida de oiro, com muitos canos de prata. Os aposentos todos são grandes, espaçosos, forrados mui ricamente, com muitas curiosidades e brincos, cada um d'elles, por si, de meia laranja, e cobertos por cima de chumbo, com suas grimpas doiradas. Os varões das casas principaes são de prata, muito altos, com suas bolas e meias luas, tambem de prata. No qual hospital se dá de comer tres dias, abundantemente, a todo o christão, moiro ou gentio que alli se quizer hospedar, indo em caminho de uma parte para a outra, aonde lhe dão pão e carne, em abundancia, e muitas maneiras de arroz de diversas côres; e curam todo o enfermo que alli se quer curar; e com tudo isto, fazem muitas esmolas a quem, por necessidade, as váe buscar, porque para tudo tem grossa renda.

Vivem na cidade muitos christãos de cada uma das nações orientaes, e cada uma d'ellas tem seu bispo, e os maronitas tem arcebispo. Consentem-lhes ter publicamente suas egrejas, as quaes são muitas, sem haver quem lhes dê molestia.

Tem esta cidade dois castellos mui grandes e fortes; em um d'elles, junto á porta por onde entrámos, vi estar as armas de França mui bem lavradas. Da fartura e abundancia de todas as coisas, não se póde dizer a minima parte do que é, porque atravessámos ruas, aonde, de uma e outra parte, estavam as casas cheias de dornas de coisas de leite, natas, manteigas, e toda a maneira de queijos. Alli achei um moiro que tratava n'aquella mercancia, o qual, sem eu fallar com elle, me perguntou se eu era portuguez, e ainda que lh'o quiz negar, não me deu credito, antes me festejou muito, e que levasse de sua casa quanto quizesse; dizendo que queria muito aos portuguezes, porque toda a sua vida tratára com elles em Ceuta, e os achára bons amigos e de verdade. As praças da cidade, com ser em março, estavam cheias de toda a fruta; o rotulo das uvas, que são quatro arrateis, por um mandim, que são doze réis. Tem um certo modo de podar as vinhas, de maneira que acode a novidade trez vezes no anno, e assim o mais do tempo tem uvas frescas.

Ordinariamente ha na cidade muitas farças e jogos, para recreação da gente; e usam muito de monos e bugios para voltearem, e me quizeram affirmar que alguns eram demonios; e na verdade, eu vi um tão feio, que, sem m'o dizerem, se me afigurou sel-o, e tive para mim que o era, porque o vi arremetter para meu companheiro, e se não fôra o que o trazia preso, que acudiu logo, o tratára mal.

Beyrouth é uma cidade antiquissima, e como escreve o glorioso doutor S. Jeronymo á virgem Estoquia, no epitaphio de sua mãe Santa Paula romana, foi colonia dos romanos, por ser cidade mais principal entre as que n'aquelle tempo havia n'aquellas partes da Phenicia; é cidade maritima, situada no ultimo do monte Libano, para o poente. Moram n'ella muitos mercadores latinos, assim italianos como francezes, cujo principal trato são sedas, pela muita abundancia d'ellas que ha n'aquellas partes. Os moradores são moiros, entre os quaes moram christãos dos naturaes da terra. Está toda situada ao longo do mar, e tão propinqua a elle, que lhe bate nos muros. Tem mais mercado que todo o outro logar maritimo da Palestina, em especial salmonetes, dos quaes vi tirar tanta abundancia como se foram sardinhas. Temos dentro da cidade um mosteiro da nossa ordem, da familia de Jerusalem, no qual fomos recebidos dos frades com muita alegria e estranha curiosidade, e com ella nos tiveram todo o tempo que alli nos conveiu estar.

N'esta cidade tem os maronitas, sujeitos ao patriarcha do monte Libano, outra egreja do mesmo tamanho, em comprimento e largura, na qual se ajuntam, aos domingos e festas, e nos mais dias que, entre si, tem obrigação de ouvir missa.

De redor da cidade, tudo é frescura e grandes campos cheios de musas, a que, por outro nome, chamam *pomum paradisi* (pomo do paraiso); que vem a ser um fructo em cachos, de quinze a vinte pomos, á maneira de figos, de mui suave doçura.

Os moiros d'esta cidade tem tanto acatamento e reverencia aos nossos frades, como lh'a tem no mais devoto povo de Hespanha; e tanto que, como adoecem, logo mandam buscar os frades que os benzam, e para o mesmo effeito lhes trazem muitas vezes os meninos ao convento. Em suas enfermidades não querem beber senão de um poço que temos no mosteiro, e affirmam alguns, com grandes juramentos a seu modo, terem visto a algumas horas da noite coisas miraculosas sobre o convento, do que sómente Deus sabe a verdade, ao qual seja gloria e louvor, porque eu escrevo fielmente o que, estando alli, me affirmaram pessoas dignas de fé; e muitas coisas deixo de escrever, não sómente ouvidas, mas vistas com meus olhos, por evitar juizos de calumniadores incredulos.

Costuma o inverno frio esforçar as fontes e accrescentar os rios: mas se cresce em rigor, ata e endurece as aguas, suspende as correntes dos rios, e até o mar salgado congela.

FR. LUIZ DE SOUZA.

MARINHA DO TEJO

(Vid. pag. 283)

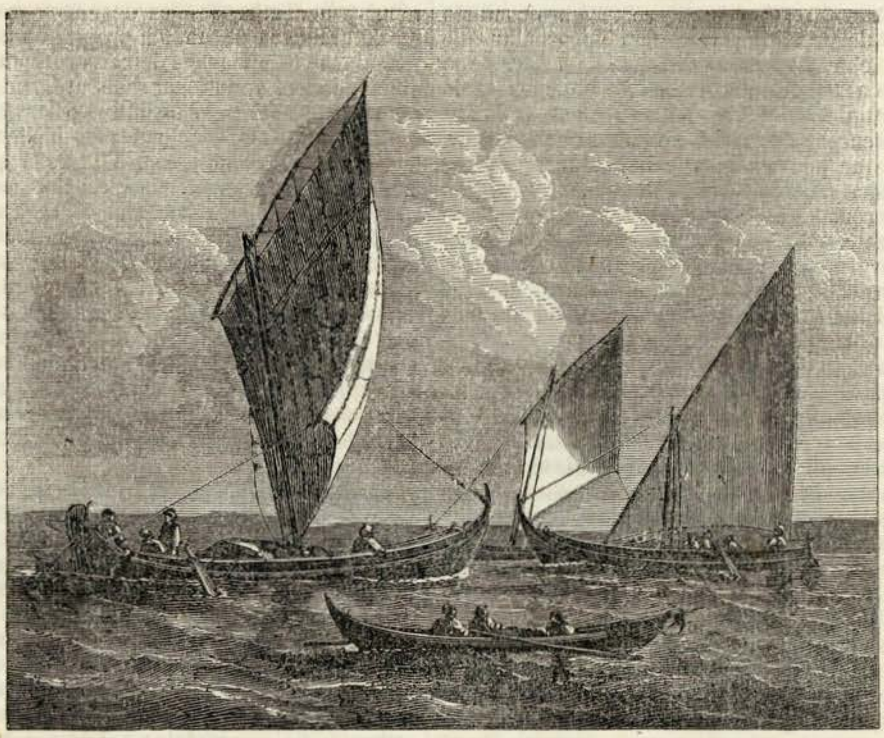
Com o nome de aveiros, e não de saveiros, são estes barcos denominados na mesa do imposto chamada do Tragamalho.

Talvez seja corrupção do primitivo nome que tinham quantos barcos vem ao Tejo da cidade de Aveiro, que são muitos.

A savara tambem mostra ter a mesma procedencia, mas estes tem quilha, e vão fóra da barra ajudar as moletas na pescaria.

O alijo traz na sua denominação o destino que tem, que é alijar, descarregar os barcos que não podem atracar. Ha tambem alijos de véla.

Todas estas tres embarcações foram escrupulosamente copiadas dos originaes, pelo nosso eximio gravador o sr. Pedroso, que é tambem um peritissimo pintor de navios.



Saveiro — Alijo — Savara

REINADO DE D. AFFONSO VI

(Fragmentos)

PRELIMINARES PARA A ANNULLAÇÃO DO REI

(Vid. pag. 278)

No dia 25 o principe enviou secretamente o duque de Cadaval a representar á rainha o perigo em que o reino caía se lhe não dessem ordem. Supplicava-lhe, que se ella conhecesse outro melhor remedio, que a convocação dos Tres-Estados, o dissesse; e se não havia outro, que se fizessem as diligencias necessarias para os reunir. Assegurava o infante, e assegurava o duque, por si e por toda a nobreza, que a sua intenção era fazer que os Estados declarassem a rainha regente, já que o rei não queria nem podia governar por si; declaração que elle duque lhe vinha fazer formalmente.

— « Confesso com muita dor (lhe respondeu D. Maria Francisca) que ha pouca esperança de que o rei seja levado por si mesmo a fazer o que é necessario para salvação do estado: só a proposta para a convocação das cortes póde advertil-o e resolvel-o a isso. No caso de ella não produzir effeito, não me opponho então á convocação, que será uma necessidade absoluta; e ainda que nunca pensei nem penso em governar, desconfiando da minha pouca experiencia, de boa vontade me sacrificarei ao serviço e bem do estado, se julgarem que posso contribuir para elle. Em qualquer logar que esteja, nada farei nunca sem ouvir o principe, o conselho e o duque, de quem faço particular estima. Estou mui obrigada ao principe, ao duque e a toda a nobreza, e rogo a todos que se lembrem sempre do que devem ao seu rei. »

— « A nossa intenção (continuou o duque) era apresentar a el-rei uma supplica para que consultasse todos os tribunaes ácerca das desordens presentes, porque todos, seguramente, appellariam e pediriam a convocação dos Tres-Estados. Sobre este fundamento se reuniriam, mesmo contra vontade do rei, no caso d'elle não preferir regular por si o governo, como ao reino convem. »

Por um certo respeito e sympathia, que a rainha tinha sabido conquistar, é que lhe não declaravam abertamente que a intenção da revolução era depor o rei. Nobreza e povo votavam pela separação d'ambos, e casamento d'ella com o infante. Fallava-se d'isso publicamente, e o infante desejava-o por certo. Se o rei não mudasse de proceder e de genio, e não curasse do bem publico, nada mais facil do que tratar-se d'aquelles pontos nos Tres-Estados. A opinião geral era ser facil descasal-o, sem necessidade de intervenção da auctoridade do papa. Pouca apparencia havia de que o rei mudasse, ou que consentisse na convocação das cortes, ou no estabelecimento de outro governo, em quanto Castel-melhor e Henrique Henriques fossem senhores de seu espirito, como mostravam ser ainda em tudo quanto occorria.

Diogo Luiz voltára de procurar Manuel Antunes, sem o ter podido encontrar. Não lhe deu D. Affonso a morte como promettêra: contentou-se com despedil-o no mesmo instante, entre mil injurias e outras tantas ameaças, para que fosse procural-o de novo. Diogo Luiz obedeceu apparentemente, mas antes de partir foi receber as ordens do principe, como todos faziam.

O infante achou-se incommodado e com alguma febre, na tarde do dia 26. Toda a corte o procurou, mesmo alguns da confiança de Castel-melhor, que não tinham isso por costume. O enviado francez Saint-Romain, que, depois que começára o conflicto palaciano, deixára de o ver, para apparentar que entre elle e o partido que tinha á sua frente o principe (e a rainha) não havia intelligencia, foi na manhã seguinte (27) fazer tambem corte a D. Pedro, que já encontrou melhor e o quiz ver. Protestava o enviado que não aspirava á honra de fallar-lhe, pois só vinha saber da sua saude; mas o infante o distinguiu com este favor particular, recebendo-o n'um gabinete, e dizendo-lhe que o obsequiaria muito se o fosse ver a miudo, e lhe désse a sua opinião sobre todas as coisas. Tanto elle como todos de sua casa trataram Saint-Romain com a maior distincção possivel.

N'este mesmo dia, o senado da camara de Lisboa, o juiz do povo e os vinte e quatro dos mesteres, foram em deputação ao rei, com demonstrações e instancias para a convocação dos Tres-Estados. Não lhes fallou D. Affonso, que estava n'esse dia de remedio, porém mandou-lhes que entregassem a representação a quem fazia de secretario de estado.

Todos os outros tribunaes deviam, incessantemente, apresentar eguaes representações e instancias. Descobria-se agora nos principaes actores d'este grande drama politico a resolução de apressar o seu desfecho. No proprio interesse do reino, similhante estado de coisas não podia continuar. Cumpria que terminasse quanto antes. Temia-se, comtudo, que Affonso VI, em logar de se accommodar ás circunstancias e regular por si mesmo o governo, arredando de si os valentões, e o resto da escoria que constituia a sua sociedade privada, se oppozesse com violencia á convocação das cortes; e com isto provocasse, antes que ellas se reunissem, outra tormenta da mesma natureza e mais perigosa do que a que passára 22 dias antes, em 5 do mesmo mez de outubro; levando as cortes, quando estivessem reunidas, a ir muito mais longe que a principio se desejára.

Castel-melhor e Henrique Henriques, que tinham suas pessoas a salvo, sabiam que nada podia ser mais fatal ás suas fortunas, que a reunião das cortes ou o estabelecimento de outro governo que tomasse contas á sua administração. Era por isso que preferiam levar as coisas á ultima extremidade. A rainha expunha, de continuo, ao marido, todos estes inconvenientes; mas D. Affonso nem conhecia o estado em que estava, nem acreditava no que ella lhe dizia, pela prevenção que lhe tinham incutido.

Havia quem propunha ao padre de Villes, que a rainha, que não tinha ceitil, convocasse os agentes francezes Gravier e Saint-Romain, para lhes pedir dez ou doze mil escudos, e poder com elles captivar os que mais proximos andavam do marido. O confessor recusou-se a dar-lhe similhante conselho, e teve para tanto duas razões: uma, porque isso a poria de certo modo dependente; outra, por lhe constar que algumas propostas, que amigos ou amigas da rainha tinham feito na corte, com o intuito de alliciação, não tinham obtido resposta, pelo que não devia a rainha expor-se a fazer coisa que podia não ser bem recebida.

A colonia dos conselheiros estrangeiros, que vigiavam os interesses da França e da rainha; os Gravier, Saint-Romain, Bani, de Villes, etc., estavam em risco de perderem a companhia de um dos seus mais uteis collaboradores. Verjus queria ausentar-se, porque não tinha meios de subsistencia em Portugal, e o governo do seu paiz lhe não dava soccorro algum. Tel-o-hia já feito, se os ultimos acontecimentos o não surprehendessem, e se não visse que, decentemente, não podia deixar a rainha no meio de tamanhas complicações. Parecia, porém, conservar aquella resolução, que executaria mal as cortes se reunissem. Tinha desejos de entrar no serviço do rei de França; e segundo a propria opinião de Saint-Romain, se este viesse a deixar a corte de Lisboa, nenhum serviria o seu logar mais utilmente. Julgava-o egualmente apto para os outros paizes estrangeiros: conhecia-os todos, por ter estado n'elles, entendia o inglez, e fallava mui bem o italiano e o allemão; mas o enviado francez, em Lisboa, recommendava-o ao seu governo, e encarecia a falta que elle faria em Lisboa. Com ella padeceria muito o serviço da rainha de Portugal e o rei de França, ficando Saint-Romain privado de um grande soccorro, não podendo saber directamente as coisas secretas e importantes, como a experiencia futura mostraria.

Verjus nada recebia para permanecer n'esta corte. O governo francez não podia obrigal-o a ficar, para se servir d'elle, mesmo porque em Lisboa não havia beneficio consideravel que um estrangeiro podesse esperar.

Poderoso auxiliar de Saint-Romain, como por mais de uma vez se tem visto, esta separação de Verjus preoccupava muito o enviado, que, por isso, insistia com o seu governo para que acudisse a tamanho prejuizo.

Desde o dia 24 que o senado, juiz do povo e mesteres, procuravam obter solução á sua representação para convocação das cortes. Quotidianamente iam ao paço, ou empregavam outras diligencias para obter resposta do rei. Affonso VI persuadia-se que podia illudir este pedido; e desejava-o apaixonadamente. De dia para dia demorava a resposta tanto quanto lhe era possivel. Chegou, porém, um termo, em que cobrou temor á murmuração do povo, e prestou attenção ao voto do conselho de estado, redigido pelo marquez de Sande, e approvado e assignado por todos.

No dia 12 de novembro ouviu, em fim, os representantes da cidade.

Respondeu-lhes em termos mui genericos: desejava conceder a pedida convocação das cortes, mas julgava ser coisa de tão grave consequencia, que merecia pensada ainda um pouco, e ouvido o conselho.

Observaram-lhe que já tivera tempo para isso, e que o perigo pedia remedio urgente.

Tornou D. Affonso, que daria ordem para a convocação, mas que era preciso que o deixassem fazer as coisas, e o não apressassem d'aquelle modo.

Esta resposta foi, com razão, tomada como artificio ou divertimento pelos representantes municipaes. Regressando ao senado, todos, a uma voz, votaram não pagar nenhum imposto, até que o rei convocasse cortes; e, com esta declaração, enviaram logo deputados á junta dos Tres-Estados.

(Continúa) JOSÉ DE TORRES

ORIGEM DA LOTERIA DA MISERICORDIA

(Vid. pag. 272)

Vimos já como o theatro de S. Carlos foi edificado para favorecer a Casa-Pia antes da loteria; saiba-se agora que, muito antes, os theatros de Lisboa

pagavam um imposto ao hospital. Hoje tira-se da loteria da misericordia para sustentar o theatro!

A memoria mais antiga que temos a este respeito, achâmol-a na « Chronica da Companhia de Jesus », escripta pelo padre Balthasar Telles, em 1642.

Ahi, contando por menor como era que o padre mestre Ignacio (o da Cartilha) andava pelas ruas de Lisboa, com os meninos das escholas, e outros que elle convocava, ensinando-lhes a doutrina nos logares publicos, para que d'este ensino participassem os que paravam e se juntavam para ouvil-o, vem a fallar do que lhe succedeu com os comediantes, e como tomou a si pagar a quantia que d'elles recebia o hospital dos pobres.

Ouçamol-o, que tem sua graça no contar e pensar.

« Com este luzido esquadrão de meninos innocentes, apregoava o mestre Ignacio guerra contra os vicios, conquistando o inferno, e vencendo o diabo. Com esta sua soldadesca fazia entradas venturosas, umas vezes contra as comedias, das quaes foi grande perseguidor, por causa das liberdades com que n'aquelles tempos se faziam estas tão ociosas representações, o que, presentindo os comediantes, usaram da traça de se acolheram a sagrado, fazendo concerto e avença com o provedor do hospital, *que lhe dariam por cada comedia um tanto para esmola do hospital*, (que o diabo tambem se veste com capa de piedade), para que lhes dessem franca licença, sem deferir aos embargos que lhes punha o padre mestre Ignacio.

Bem viu elle a guerra que com este interesse lhe faziam os seus adversarios, mas não desmaiou com tal invenção; procurou logo contaminal-a, informou-se de quanto podia vir a render aquella promessa, e constando-lhe que seria até cem mil réis, não lhe pareceu por tão pouco preço perder tão grande victoria; offereceu ao provedor os cem mil réis, fiado n'aquelle Senhor cujas partes defendia, que elle n'aquelle anno os haveria de esmola, e que para os annos seguintes Deus proveria. Voltando a casa com esta confiança, escaçamente tinha entrado a portaria, quando um homem desconhecido lhe entregou cem mil réis que certa pessoa lh'os mandava por devoção, para elle os empregar em serviço de Deus, como fez, dando-os para o hospital, ficando d'esta maneira os pobres providos, e os comediantes escusados. »

Como noticia curiosa da varia fortuna que entre nós tem tido a arte dramatica, transcreveremos da mesma chronica o seguinte trecho:

« Já disse atraz da grande guerra que sempre em Lisboa moveu contra os comediantes, os quaes n'aquelle tempo com representações indecentes profanavam a honestidade portugueza. Haviam elles um dia de sair a primeira vez com uma dança mui lasciva, bem conhecida entre deshonestos, inventada, conforme nos ensinam graves auctores, dentro do inferno, e ensinada pelo proprio demonio, que até com bailes engana os homens. Tinham os comediantes lançado bando, e convocados todos os ociosos da cidade (que d'estes ha infinitos em Lisboa) para lhe irem assistir áquella sua diabolica dança. Teve noticia d'isto o padre mestre Ignacio, mandou logo tocar caixa, fez conduzir sua infanteria, e posta toda em ordem, fez marchar para o logar da comedia (que então era em um beco junto da rua das Arcas), chega a vanguarda á porta, que logo se lhe rendeu sem resistencia; começa dentro a soar a campainha da santa doutrina, e apparece logo seu estandarte real.

Tinha aquelle dia concorrido infinita gente, e pela causa que tenho dito occuparam o pateo todo, os bancos das varandas á roda, e os camarotes aonde costumavam assistir os mais auctorisados ouvintes. Tinham os comediantes chegado ao passo em que no fim da comedia haviam de representar o entremez da dança. Ao principio houve grande reboliço no auditorio, quando ouviram a campainha, e maior ainda, quando após ella vêem entrar a bandeira da doutrina, arvorada entre muitos meninos que vinham cantando, e rompendo caminho por entre o grande apertão do povo; ao reboliço da gente se seguiu maior admiração, quando souberam, e quando viram, que vinha na retaguarda o padre mestre Ignacio; coisa que nada menos esperavam em tal tempo, e em tal logar; e suspensos com a novidade do caso, uns se espantavam, outros o estranhavam; o padre sem perder ponto, mettido no pateo, pondo-se sobre um banco, saltou vencedor no mesmo logar aonde os infernaes dançantes começavam seu diabolico entremez, como se fosse um valente conquistador, que entre as lanças dos defensores saltava venturoso na fortaleza inimiga.

Tanto que o padre mestre Ignacio appareceu no alto d'aquelle theatro, e se virou para o povo, se seguiu logo um admiravel silencio e repentina suspensão em todo aquelle grande auditorio; até os mesmos comediantes, discipulos de Satanaz, ficaram totalmente parados á vista de tão novo espectaculo, largando-lhe o campo como vencidos, e subitamente assombrados das vozes que lhe ouviam, começando « pelo signal da santa cruz etc. » Vendo-se aqui, em realidade, o que os antigos fingiram do seu fabuloso Orpheu, do qual contavam, que quando entrou no inferno, tanto que por aquellas tartareas cavernas retumbou a melodia do seu suave canto, pararam como encantados todos os habitadores d'aquelles carceres infernaes; as mesmas tres furias se amansaram, o mesmo cerbéro trifauce deixou de ladrar, embebido todo com ouvir cantar.

Rematou-se o fim da doutrina reprehendendo o padre, com um espirito de Elias, aquella profana e deshonesta acção da infernal dança; e concluiu, pedindo em altas vozes a Deus misericordia; e finalmente se saiu victorioso, deixando vencido o inferno, confundidos os comediantes, e compungidos os ouvintes, que tornaram da comedia contritos, entrando n'ella distrahidos; achando a salvação no logar da perdição, e confessando todos que mais tiveram que ver em um só padre mestre Ignacio prégando, que em muitos comediantes representando. »

(Continúa)

THOMAZ THOPHAM

A nação ingleza faz grande caso dos homens cuja força physica é extraordinaria. Tem, de muitos d'elles, retratos e bustos reproduzidos pela gravura com estupendas biographias.

Um dos que tem gozado estas honras britannicas é Thomaz Thopham, cujo busto publicâmos. Foi primeiramente carpinteiro, officio de seu pae; depois taberneiro, mas por sua força e vocação deu-se aos exercicios athleticos, que lhe grangearam uma celebridade mui lucrativa.

Conta-se que levantava no meio da praça tres pipas cheias de agua, pesando 50 arrobas. Para elle era um brinco enrolar uma bandeja de estanho, transformando-a n'uma bengala. Levantava do chão, com os dentes, uma mesa de seis pés de comprimento, tendo na extremidade opposta cem arrateis de peso. Punha uma barra de ferro em ar de canga, e ía-a curvando para diante até se tocarem as duas extremidades. Quebrava uma corda de duas pollegadas de diametro como se fosse um fio de retroz. Pegava n'um cavallo e atirava com elle para fóra do circo.

Em certa occasião, encontrando uma sentinella a dormir dentro da guarita, foi pol-a em cima do muro do cemiterio, sem que o soldado acordasse; o que prova que pegou na guarita com tanta facilidade como se levasse a gaiola de um passarinho. D'outra vez, estando a uma janella baixa, metteu para dentro de casa meio boi que um homem, que ia passando, levava ás costas.

Com toda esta força, Thomaz Thopham era homem mui pacifico, e apesar de ser inglez não consta que désse nem um sôco em toda a sua vida.

Ainda que rico, e mui festejado dos seus patricios, matou-se aos quarenta annos de edade.

Se nós fossemos tão curiosos como os estrangeiros, tiveramos tambem a nossa galeria de Samsões. Tem havido desde remotas eras portuguezes de extraordinaria força corporal, mórmente na provincia de Traz-os-Montes. Ainda ha quem conhecesse o celebre capitão-mór de Faro, cuja espingarda caçadeira se conserva, como coisa rara, no museu da Academia das Sciencias. Este homem fazia parar um coche puxado a quatro, lançando a mão a uma das rodas. Pegava n'um burro com dois saccos de trigo, como quem péga n'um perú, e partia com os dedos qualquer peça de prata ou de oiro que se lhe apresentasse.

De Gonçalo Mendes da Maia, o Lidador, genro de Egas Moniz, se refere, que ainda na edade de 95 annos os golpes da sua espada penetravam os arnezes mais reforçados.

João de Barros conta que D. Lourenço de Almeida contendendo com um moiro membrudo e forte, lhe déra tal cutilada no alto da cabeça, que o abriu até aos peitos.

O padre Bento Pereira testimunha que víra em Evora, assistindo a uma corrida de toiros, um fidalgo d'aquella cidade atravessar a praça, e como o toiro o investisse, puxára da espada decepando-lhe a cabeça com o primeiro golpe.

Miguel Leitão de Andrade conta que conhecêra um tal D. Jeronymo de Ayança, o qual quebrava com as mãos uma ferradura por mais grossa que fosse.

A este proposito nos lembra ter lido algures, que no tempo do marquez de Pombal, indo certo marchante ferrar o cavallo, fôra successivamente partindo ao meio, como se fossem bolachas, as ferraduras que o mestre lhe ia dando a escolher. O ferrador não se mostrava admirado, pelo que, a final, o marchante consentiu que lhe ferrasse o cavallo. Indo porém a pagar a despeza, ou antes o estrago que tinha feito, o ferrador lhe foi partindo, e rejeitando a um e um, os cruzados novos, como elle lhe tinha feito ás ferraduras. Agradou-lhe o despique, e ficaram amigos. Diz-se que o marquez os quizera conhecer.

Conta-se uma africa similhante do marechal de Saxe.

Se fossemos a contar as façanhas de eguaes brutamontes, que vem nos livros de anecdotas e historias admiraveis, teriamos com que encher muitas paginas.

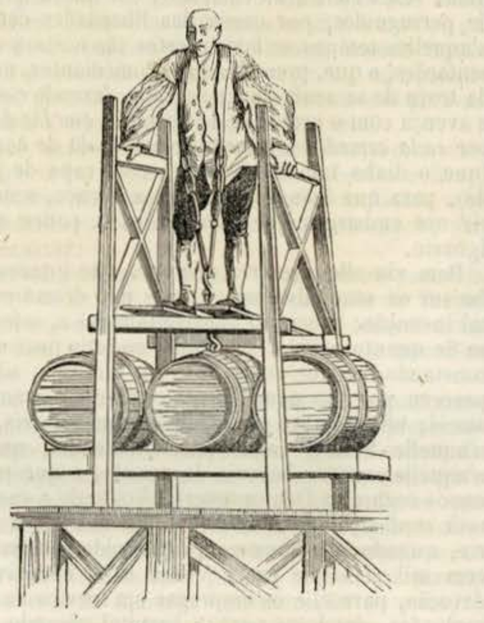
Todavia, merecem especial menção os que traz, como mais averiguados. Debay na *Histoire naturelle de l'homme et de la femme*, onde, tratando da força muscular, examina á luz da sciencia e dos factos, d'onde provém a alguns homens a força herculea. Diz elle que este dom da organisação animal não depende sómente do volume das fibras musculares, mas de muitas outras circunstancias; taes como da solidez da estructura ossea que serve de ponto de apoio da boa conformação dos musculos, da rijeza do ligamento tendinoso, e da perfeita harmonia dos movimentos de contracção; e bem assim do impulso cerebral que os põe em acção.

Quer elle que a energia encephalica exerça uma influencia positiva no poder muscular, porque é, por assim dizer, a mola occulta que a desenvolve e mantem. Para comprovar este principio, nota Debay, com razão, que não é raro ver homens mui pequenos e magros de uma força espantosa, a qual não se poderia explicar senão pelo impulso nervoso; e outros de grande estatura, robustos e espadaúdos sem nenhum vigor muscular. D'onde elle conclue, que da energia encephalica, da conformação ossea e muscular resulta a força physica por excellencia, o vigor levado ao mais subido grau.

Entre os exemplos de homens forçosos cita elle os seguintes:

Polydamante de Thessalia, que, como Hercules, desqueixava leões; e que perante Dario quebrou alguns troncos de arvore como quem quebra uma canna.

Salvio, de quem Plinio refere que uma vez trepára a escada do circo de Roma, levando ás costas 200 arrateis, 200 nas mãos, e outros 200 nos pés.



Thomaz Thopham

Athanato, outro athleta do mesmo tempo, percorria a arena carregado com o peso de 1:000 arrateis, 500 nos pés e 500 nas mãos.

Milão de Crotona, apenas pela contracção dos musculos e entumecimento das vêas, rebentava uma corda que lhe atavam em volta da cabeça.

Luiz de Boufflers, que vivia em Paris pelos annos 1534, tinha tal força nos dedos, que quebrava uma vara ou varão de ferro qualquer. Só com o pollegar e o indicador segurava uma pella, de fórma que ninguem conseguia tirar-lh'a.

O major Barsabas tinha tal força nos braços, que pegava n'uma peça de artilheria, e a disparava como se fosse uma espingarda. Um dia levou debaixo do capote, para sua casa, uma bigorna que pesava 16 arrobas. Uma irmã d'elle tambem tinha muita força, e contam-se d'esta madre Dorothea muitas valentias.

Augusto II, rei de Polonia, aguentava um homem na palma da mão.

Ico, athleta de Tarento, arrancava as pontas a um boi, com a mesma facilidade com que qualquer póde arrancar as azas a uma mosca.

Em Lisboa temos visto muitos d'estes alcides nos circos e praças de toiros. O celebre luctador Charles, chamado o Hercules francez, achou aqui um alemtejano que luctou com elle, e o deitou ao chão.

Lisboa — Typographia de Castro & Irmão — Rua da Boa-Vista — Palacio do Conde de Sampayo.